

Reações à *Concentração Autonomista* no interior da Bahia – 1932/1937

ELIANA EVANGELISTA BATISTA*

Introdução

O projeto político centralizador implantado por Getúlio Vargas após a “Revolução de 30” desalojou do poder, na Bahia, o grupo dirigente que atuava no estado desde a implantação da República. O ressentimento desse grupo que marcou toda a década de 1930 e se estendeu até a década seguinte motivou a organização, no ano de 1933, da Liga de Ação Social e Política, a LASP, agremiação partidária empenhada na campanha de “desumilhação da Bahia”, ou seja, na devolução da Bahia à posse de si mesma. Formada por jovens e professores da Faculdade de Medicina e de Direito, indivíduos suscetíveis à discussões teóricas, a LASP mostrou-se pouco coesa como oposição. Foi, portanto, o pragmatismo do experiente político J.J. Seabra que deu condições a essa agremiação para concorrer às eleições daquele ano, defendendo a chapa *A Bahia ainda é a Bahia*, que elegeu apenas dois dos seus representantes (SAMPAIO, 1992: 96-102).

Com a volta de Simões Filho e Otávio Mangabeira do exílio, respectivamente em dezembro de 1933 e agosto de 1934, a resistência à interventoria de Juracy Magalhães foi fortalecida. A *Concentração Autonomista*, frente de oposição organizada por ambos no ano de 1934, abrigou diferentes associações políticas contrárias ao governo Vargas na Bahia, entre elas, a LASP. Defendendo a chapa *Governador Otávio Mangabeira*, a *Concentração Autonomista*, apelando pelo “orgulho regional” ocupou 13 dos 42 lugares na Assembleia estadual Constituinte (SAMPAIO, 1992: 96-102)

Os estudos historiográficos sobre esse embate político entre o governo Vargas, representado na Bahia pelo interventor cearense Juracy Magalhães, e as elites alijadas do poder, autointituladas “autonomistas”, ainda são escassos. As primeiras discussões acerca

* GRADUADA EM HISTÓRIA PELA UNEB – CAMPUS II (2009) E MESTRA EM HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL PELA UNEB – CAMPUS V (2012).

desse tema foram feitas pela historiadora baiana Consuelo Novais Sampaio, em obra precursora sobre a política baiana da Primeira e Segunda República.

Ainda que tenha sido pioneira na abordagem desse tema, não foi objetivo da historiadora Consuelo Novais Sampaio aprofundá-lo, sobretudo porque a sua abordagem gira em torno da disputa empreendida pelos diversos grupos políticos pela conquista do poder na Bahia. Sampaio recompôs o processo político-partidário e a atuação do Legislativo baiano entre 1930 e 1937 à luz das diferentes propostas e agremiações políticas, a *Concentração Autonomista* é, pois, somente uma delas.

Ainda sobre esse tema há dois importantes trabalhos do historiador Paulo Santos Silva. Em sua dissertação de mestrado, concluída em 1992 pela UFBA, intitulada *A força da tradição; a luta pela redemocratização na Bahia em 1945*, publicada em 1992 sob o título *A volta do jogo democrático (Bahia, 1945)*, Paulo Silva reconstituiu a trajetória do autonomismo baiano com o intuito de demonstrar como no declínio do Estado Novo, no ano de 1945, a frente oposicionista ao governo Vargas na Bahia fincava as suas raízes nessa agremiação que, desde 1937 esteve impossibilitada de agir enquanto partido político, mas, enquanto grupo, continuava combatendo o governo de Getúlio Vargas (SILVA, 1992: 85-96).

Não obstante, é em sua tese de doutorado, defendida pela USP no ano de 1997, que Silva detém-se, com mais afinco, na abordagem desse tema, ao tentar compreender e revelar o contexto da política baiana entre os anos de 1930 e 1949 à luz da atuação dos autonomistas, sobretudo daqueles que assumiram o papel de intelectuais e que buscaram, a partir de estudos historiográficos oporem-se à ocupação da Bahia por “forasteiros”.

A análise que fazemos desse estudo nesse trabalho racaiu sobre o livro fruto da tese mencionada. No livro *Âncoras da Tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)* Paulo Santos Silva buscou mostrar como a comunidade intelectual baiana, que naquele período atuava tanto no campo das letras quanto na política partidária, tentou justificar as razões do discurso autonomista através da produção de conhecimento histórico. O foco do trabalho de Silva, portanto, foi a identificação dos vínculos entre o trabalho intelectual e o poder político.

Desse estudo, interessa-nos, particularmente, a primeira parte, na qual o autor

recompõe o processo político da década de 1930. As perdas dos cargos políticos no âmbito federal e estadual, a ausência de base do movimento tenentista no estado, a indicação de um nome cearense e jovem para assumir o cargo de maior projeção no estado, entre outros fatores são as principais motivações, segundo o historiador Paulo Silva, para que as antigas facções políticas do estado unissem-se em resistência a Juracy Magalhães.

Políticos como José Joaquim Seabra, João Mangabeira, Wanderley Pinho, entre outros formaram uma unidade no combate ao novo governo, e no curso dessa disputa entre governo e oposição formou-se o autonomismo. Ainda que não tenha sido um movimento exclusivamente vivenciado na capital, é nesse espaço que o historiador Paulo Silva detém-se mais profundamente em suas análises. Por não se constituir em objetivo dos seus trabalhos, tanto Consuelo Novais Sampaio, quanto Paulo Santos Silva fazem referência às ações da *Concentração Autonomista* no interior do estado baiano, mas não se detêm em analisá-las. Isso não quer dizer, obviamente, que não reconheçam a importância dessas ações nos municípios do interior, ao contrário, ambos discorrem acerca das alianças feitas com chefes políticos locais nos diversos municípios da Bahia, e observam como essas alianças foram importantes para o processo político-partidário na década de 1930.

Esses estudos abriram janelas para que novas pesquisas sobre os desdobramentos dos processos eleitorais no interior da Bahia fossem realizadas. Cumpre, pois, diante dessa lacuna reconstituir como as ações da *Concentração Autonomista* e as reações à essas ações foram implementadas nas diversas cidades do interior baiano.

O interior como palco da disputa eleitoral: comitivas do interventor versus caravanas autonomistas

Antes mesmo de assumir o cargo de interventor, Juracy Magalhães, ainda no Rio de Janeiro, buscou dialogar com os líderes políticos tradicionais na Bahia. Certamente já suspeitava que a sua nomeação seria recebida com alguma hostilidade pelo chefes políticos locais (SAMPAIO, 1992: 87). Desapontado pelo insucesso em estabelecer alianças com

J.J.Seabra, João Mangabeira e Pedro Lago, o jovem interventor não desistiu, conseguiu apoio de outros três líderes da política baiana: o conselheiro João Pedro dos Santos, o desembargador Pedro Ribeiro de Araujo Bitencourt e o ex-deputado federal João Pacheco de Oliveira (SAMPAIO, 1992: 87).

Em relação ao interior do estado, Juracy Magalhães buscou estabelecer alianças com os tradicionais líderes políticos locais, ou seja, os coroneis. Dessa forma, embora o interventor tivesse inovado na administração do estado, foi recorrendo a uma prática política da República Velha que ele conseguiu granjear apoio nos principais municípios do estado: a troca de favores (PINHEIRO, 1999: 49-78).¹

Segundo Consuelo Sampaio, em janeiro de 1933, o interventor iniciou uma verdadeira peregrinação pelos principais municípios da Bahia. Para conseguir melhores resultados dividiu o estado em amplas coligações, sendo as principais a *Coligação Sertaneja*, comandada pelo coronel Franklin Lins de Albuquerque, que congregava vinte municípios, e a *Aliança Social e Política Municipal* (ASPM), liderada pelo engenheiro José Jatobá, que englobava dez municípios (SAMPAIO, 1992: 91).

Juracy Magalhães afirmou que o que fez, “na realidade, foi aproveitar os elementos válidos de cada municipalidade para criar uma sólida base política e assegurar a continuidade revolucionária” (MAGALHÃES: 1982: 83). Obteve êxito. Entre os dias 24 e 27 de janeiro de 1933, representantes de 151 municípios foram a Salvador, convidados para a convenção que daria origem ao Partido Social Democrático regional, o PSD.

A essa “mistura incongruente de homens que haviam prestado lealdade a diferentes governos, em períodos diversos da história baiana, sem qualquer compromisso ideológico”, Consuelo Sampaio denominou de *política de acomodação*, entre a velha e nova ordem (1992: 95-96).

Para Paulo Santos Silva, “o coronelato não tinha a menor pretensão de endossar um

¹ A esse respeito Israel de Oliveira Pinheiro afirma que na Bahia, a oligarquia rural apoiava a interventoria porque os seus interesses locais não tinham sido liquidados por ela. E, por esta mesma razão, essa oligarquia também apoiaria mais tarde o Estado Novo, pois este, ao liquidar os seus organismos de representação, estabeleceu diretamente com ela uma relação de clientelismo.

projeto revolucionário à semelhança do que aspiravam determinados segmentos do movimento tenentista”. Segundo ele, a adesão dos coroneis ao governo de Getúlio Vargas era de ordem prática, ou seja, queriam apenas “atender aos apelos dos seus municípios, o que os tornariam merecedores do reconhecimento e dos votos de suas clientelas em futuros pleitos” (2011:29).

Parece, portanto, bastante plausível a ideia de adesismo à política de Juracy Magalhães no interior da Bahia, mas como se sabe, assim como o interventor, os representantes do autonomismo baiano também buscaram estabelecer alianças políticas no interior do estado.² De acordo com Consuelo Sampaio, comissões partidárias foram fundadas em vários municípios, além disso, “caravanas autonomistas” viajaram por todo o estado baiano na tentativa de arregimentar novos adeptos, ou assim como Juracy Magalhães, angariar o apoio do coroneis (1992:102).

Diferente do que havia ocorrido no ano de 1933, a campanha de 1934 mostrou-se bastante acirrada. Tanto Juracy Magalhães, quanto os autonomistas deixaram de lado o comodismo da campanha somente na capital. O sertão, naquele ano, parecia decisivo para definir as eleições. Ao modo calmonista, os nomes que pleiteavam uma cadeira dirigente no estado, embrenhavam-se cada vez mais no sertão, com a justificativa de que precisavam conhecer melhor os problemas do interior e do homem interiorano (MOREIRA, 2005).

Não foi por acaso que o deputado Arnold Silva, principal representante do PSD no município de Feira de Santana, destacou essa importância na convenção do Partido ocorrido naquela cidade, em agosto de 1934:

Ao revés dos tempos não distantes em que da capital, a todos os recantos da velha província, espoliada de suas glórias, despojada de suas riquezas, deslebrada de suas tradições, impunha-se ideias, preconceitos, candidaturas, ódios civis, prevenções mesquinhas, agitações estéreis, com absoluto às conveniências, aos desejos e as condições locais, hoje, é do norte, do centro e do sul que para a capital convergem as sugestões de trabalho e de grandeza, os esforços construtivos, as energias aproveitáveis, as legítimas aspirações coletivas, cimentando, solidificando, engrandecendo a situação que criamos e já começou a restituir a querida terra

² Israel Pinheiro afirma: “O adesismo de 1930 tinha o sentido da política na Bahia. O Estado Novo não rompia com esta política. A Bahia [no que] pese aos avanços políticos da Revolução de 1930, continua subsumida no seu atraso secular. Definitivamente a Revolução de 30 não chegou à Bahia, ou até pode ter chegado mais pairou no ar.

gloriosa o esplendor sideral que a destacava no passado e desgraçadamente se perdera [...] (FOLHA DO NORTE, 01/09/34).

Dessa maneira, tanto os representantes do PSD quanto os autonomistas congregavam-se nos municípios com o intuito de escolher, no seu próprio centro de atividades, aquele que melhor poderia representar a sua agremiação política, ou seja, os que tinham mais chances de vencer o pleito eleitoral.

Reações à *Concentração Autonomista* no interior da Bahia: primeiras impressões

É preciso destacar, antes de qualquer coisa, que a recomposição da trajetória de uma agremiação política de oposição, em qualquer governo caracterizado pela ditadura e pelo centralismo é sempre uma tarefa árdua e difícil, visto que a censura de imprensa é, de forma recorrente, uma das primeiras medidas adotadas para assegurar a estabilidade do sistema de governo autoritário (GARCIA, 1982; CAPELATO, 1999).

No governo de Juracy Magalhães, por exemplo, a perseguição a jornalistas e a jornais locais foi um fato que ganhou proporções nacionais (SAMAPIO, 1992; SILVA, 2011). Na capital, somente os jornais *O Imparcial* e *A Tarde* mantiveram-se contra o interventor, inicialmente criticando a sua juventude e inexperiência e, posteriormente, os seus atos, considerados pelos dirigentes dos referidos jornais, arbitrários e autoritários (CARNEIRO, 2005: 39).

Em relação ao interior da Bahia, o levantamento dos periódicos de oposição ainda carece de catalogação e análise. À luz desse aspecto, o que se sabe sobre a atuação dos autonomistas nos diversos municípios baianos, em sua maioria, é parte das publicações veiculadas pelos jornais de oposição da capital, ou parte de publicações em resposta ao autonomismo baiano veiculadas em jornais locais de diversas cidades.

Sob este aspecto, nesse estágio de pesquisa, não é possível reconstituir ainda a trajetória da atuação dos autonomistas no interior baiano, mas, por outro lado, há um vasto material que

possibilita a reconstituição das reações de determinados grupos locais a essa atuação. De alguma maneira, os jornais situacionistas combateram tanto a LASP, no ano de 1933, quanto a *Concentração Autonomista*, em 1934, e, se esse combate não foi indícios de que essa frente de oposição atuava em seus municípios, foi indícios de que os discursos autonomistas, no mínimo, haviam chegado à esses locais.

Assim, o *Folha do Norte*, de Feira de Santana, o *Jornal Oficial*, de Canavieiras, *O Município*, de Santo Amaro, o *Diário da Tarde*, de Ilhéus, entre outros jornais de municípios do interior, trazem, de alguma maneira, notícias sobre a oposição baiana ao governo de Getúlio Vargas, uma vez que os seus dirigentes estavam preocupados em combatê-la e, para isso, publicaram, ainda que em alguns casos, esparsamente, notícias sobre ela.

“Caricatos desumilhadores”: notícias sobre o autonomismo baiano no jornal *Folha do Norte-FSA*

O *Folha do Norte*, jornal do município de Feira de Santana teve a sua primeira edição no ano de 1909. Durante a década de 1930, especialmente entre os anos de 1930 e 1936, período analisado nesse trabalho, os dirigente desse periódico colocaram-se ao lado do governo Getúlio Vargas. Além de notícias sociais, propagandas, editais e outras matérias de cunho local, o *Folha do Norte* preocupava-se, sobretudo, em publicar na primeira página, matérias de apoio aos interventores federal e municipal. Grande parte dessas matérias era transcrição de jornais da capital que estavam a favor do governo.

Ao analisar as publicações do *Folha do Norte*, percebe-se que a grande preocupação dos dirigentes era sobrelevar os atos do interventor baiano. Poucas foram as matérias que fizeram referência a oposição ao governo de Juracy Magalhães. No ano de 1933, a fundação do PSD e o pleito eleitoral tiveram ampla cobertura pelo jornal, entretanto, foi no ano de 1934 que os embates políticos apareceram com mais frequência, e com ele, as reações ao autonomismo baiano.

A matéria de cobertura da convenção regional do PSD é um exemplo dessa prática. Ao falar sobre os líderes de então, que foram requisitados para exercer importantes cargos

federais, o deputado Arnold Silva, um político muito influente na cidade de Feira de Santana destacou em crítica aos “desumilhadores da Bahia”:

[...] Não o vêem os piores cegos, aqueles, da Escritura, que não desejam enxergar. E porque não o vêem, não o querem ver, pretendem “desumilhar” uma terra emancipada de velhas praxes corruptoras, injuriando-a com esse estreito, esse mesquinho, esse tacanho, esse ferrenho, esse cruel, esse estúpido regionalismo que lhe atribuem e ela não sente, não compreende, não pratica, antes o despreza, antes o condena, antes o combate, antes o repele e, de coração aberto para o Brasil, que é de todos os brasileiros, vai definitivamente deslocar, nas urnas de outubro, pela indomável expressão do voto livre, consciente e soberano [...] (FOLHA DO NORTE, 01/09/34).

E, justificando a escolha de um “forasteiro” para administrar a Bahia, o deputado completa: “[...] Esta mesma Bahia, de onde, no Império, saiu Sátiro Dias, para governar o Ceará, deu, já na República, um governador ao Amazonas com o sr. Alcântara Bacelar e, com o sr. Aurelino Leal, um interventor ao Rio de Janeiro” (FOLHA DO NORTE, 01/09/34). Não seria, portanto, nenhuma humilhação à Bahia ser, naquele momento, governada pelo jovem cearense Juracy Magalhães. Para Arnold Silva, tudo o que se inculcava à mente das pessoas, tudo o que se inventava e se murmurava a respeito do jovem interventor era “cuidadosamente arrumado no que por aí se chama “o livro do sr. Seabra” (FOLHA DO NORTE, 01/09/34).

Discurso parecido, escrito no ano de 1933, foi publicado no dia 15 de setembro pelo mesmo jornal:

*Humilhada por que? Humilhada por quem?
As paixões políticas, os interesses contrariados, a ânsia de recuperar posições perdidas, desvairam os espíritos e levam alguns homens públicos ao extremo de adulterar a verdade, negar as evidências dos fatos e até invertê-los. [...] A Bahia repele o regionalismo estreito apregoado pelos jornais amarelos. Ela, que tanto de seus filhos tem dado para governar outros estados, não se sente de modo algum diminuída por ter a frente de seus destinos um moço brasileiro bem brasileiro, a quem o destino marcou estrela dos predestinados* (FOLHA DO NORTE, 15/09/34).

Ainda nessa edição, Altamirano Requião assinava mais uma matéria com acusações aos autonomistas:

Autonomia falsificada!
Afim de contas, diziamos em comentários já desenvolvidos, que não

ignorávamos a qual espécie de “autonomia” se apegam os agitadores da campanha de “desumilhação” da nossa terra, quando estrugem, aos ventos do quadrante, a grillhada dos mais absurdos e sacudidos mistifórios. [...] Os “autonomistas”, os “desumilhadores” do presente macomunaram-se apenas, com os que podiam assumir a responsabilidades da mashora (*sic*) projetada, e apunhalaram então, eles sim, sem a menor dúvida, a verdadeira autonomia do Estado (FOLHA DO NORTE, 15/09/34).

Comentar acerca dos insucessos das caravanas autonomistas tornou-se também prática nos jornais do interior. No dia 22 de setembro daquele mesmo ano, o *Folha do Norte* transcreveu o editorial do *Diário da Bahia*. O conteúdo da matéria trazia informações acerca da caravana ocorrida em Moniz Sodré, Feira de Santana e São Gonçalo que, de acordo com os editores, teria sido quixotesca e desastrosa (FOLHA DO NORTE, 15/09/34).

Nessa mesma edição, Altamirano Requião lembrou o *slogan* da vencida chapa autonomista defendida pela LASP em 1933. Tentava, na oportunidade, mostrar as mudanças ocorridas no estado desde 1930. Como justificativa pela permanência do interventor destacava: “A Bahia não é AINDA a Bahia, porque a Bahia escrava, a Bahia humilhada, a Bahia sem opinião nos conselhos da República, a Bahia mendiga de outrora, a Bahia prostituída pela qual Rui esgrimiou seu verbo, esta desapareceu na transformação por que passou [...]” (FOLHA DO NORTE, 15/09/34).

Às vésperas das eleições, a campanha em prol de Juracy e em combate aos autonomistas foi direcionada aos jovens. Os representantes do periódico reconheciam que a *Concentração Autonomista* era formada, em parte, pelos jovens oriundos da LASP, e estes estavam visitando vários municípios para angariar votos em favor de Otávio Mangabeira. Além de lembrar do dever do jovem sadio para com a Pátria, o autor da matéria destaca:

Aproxima-se o pleito de 14 de outubro! É preciso desde agora, que vos armeis com o direito do voto secreto para a grande campanha em prol da Bahia. [...] Não vos deixeis conduzir na onda dos propagandistas de falso patriotismo, políticos apaixonados que pregam às multidões e caluniam a pessoa do ilustre militar capitão Juracy Magalhães (FOLHA DO NORTE, 13/10/34).

E nessa mesma matéria que antecede o pleito eleitoral simulam uma possível vitória da *Concentração Autonomista*:

Caricatos desumilhadores!

Porque além de tudo quanto já dissemos, o povo sabe que se por ventura vencesse estes, a Bahia não poderia esperar do Governo central, sem cuja cooperação os estados não podem progredir; o povo sabe ainda, que esta farsa entre elementos decaídos é um castelo de cartas que não resistirá ao menor sopro, e que, se assim fosse, se ao desprestígio exterior se viesse juntar a anarquia interna, então é que a Bahia estaria, para sempre, arruinada, despedaçada, humilhada e vencida. (FOLHA DO NORTE, 13/10/34).

E finalizam a edição do jornal em tom de vitória:

O desafinado estribilho “Desumilhação da Bahia” com que os adversários do capitão Juracy procuram impressionar a opinião pública, já soa desafinado aos próprios ouvidos dos que entoam [...]. O povo baiano, conhece bem a insinceridade das sereias barbadas que o querem iludir com os seus cantos rouquinhos. (FOLHA DO NORTE, 13/10/34).

Após as eleições de 1934, matérias não necessariamente ligadas à política passaram a ser publicadas na primeira página. O resultado das eleições, por sua vez foi cuidadosamente documentado no jornal. Aos poucos, a *Concentração Autonomista* foi deixando de ser alvo de críticas dos jornalistas do *Folha do Norte*. Ainda assim, em abril de 1935, eles voltaram a abordar a oposição, lembrando ao povo feirense que há tempos já sabiam que aquela agremiação era uma “canoa furada”:

Dos que imprudentemene se embarcam em canoa furada, para viajar em rio torrentoso, quando descobrem o logro de que foram vítimas, o risco que a vida lhes ameaça, uns, mais serenos aproveitam a passagem do barco fatídico por perto da praia arenosa e fogem ao perigo, outros mais imprudentes ou mais confiantes no incerto destino que os extraiu deixam-se ficar no baixel avariado, e quando este está prestes a submergir-se, atiram-se às ondas revoltas, bracejam desvairados, buscando agarrar-se aos tenues raminhos que derivam na corrente. A canoa furada é o Autonomismo falido que a ambição desregrada de alguns políticos sem escrúpulos erigiu em bandeira de combate contra a candidatura vitoriosa de Juracy Magalhães. (FOLHA DO NORTE, 14/04/35).

Percebe-se, pela matéria, a forma como os autonomistas locais e os demais baianos da *Concentração Autonomista* foram ironizados pelos pessedistas feirenses, naquele ano de 1935,

um inimigo vencido.

“Homens e coisas de atanho”: a campanha antiautonomista em Santo Amaro

O Município, principal veículo de comunicação da cidade de Santo Amaro, na Bahia, autointitulava-se “órgão oficial do município”. Dispensa, pois, apresentações quanto ao seu alinhamento político.

O referido órgão de imprensa fez uma ampla cobertura da atuação de Juracy Magalhães como interventor da Bahia desde a sua posse, em 26 de setembro de 1931. Com o mesmo entusiasmo dessa cobertura inicial, publicou também matérias referentes às mudanças nos planos de governo, telegramas recebidos pelo chefe político local esclarecendo aos habitantes da cidade sobre a “campanha insidiosa” que os primeiros oposicionistas estavam fazendo na capital, e que começava a ser divulgada no interior, e deu ampla cobertura a todas as visitas de Juracy Magalhães na cidade de Santo Amaro, a primeira delas, datada de fevereiro de 1932 (*O MUNICÍPIO*, 20/02/32).

A “Revolta Constitucionalista”, ocorrida em São Paulo nesse mesmo ano foi matéria principal de uma série de edições. É a partir da cobertura desse evento, que aparecem os primeiros registros de oposição ao governo de Juracy Magalhães no jornal, e, por consequência, as primeiras matérias de combate a essa oposição.

Há indivíduos que não possuem consigo o controle do senso, não têm a noção do ridículo, não se apercebem que aos olhos dos homens sensatos, eles se apresentam como palhaços, não com o artificialismo das arenas de circo, mas como as bambochatas disparatadas tão impróprias da insensatez. [...] A insurreição seccionista de São Paulo, quando outra vantagem não tivesse, pelo ao menos fez surgir esta nova sorte de palhaços.

*Aqui, na cidade, no momento, faltam-nos os palhaços de circo, enquanto sobra os da outra espécie, dando uma certa divisão a quem, ocultando um pouco a comisseração que causam, quer, por dois instantes, deliciar-se com as suas presepadas (*O MUNICÍPIO*, 21/08/32).*

Ainda nesse mesmo ano publicaram a matéria “Homens e coisas de atanho: na

penumbra dos bastidores políticos da Velha República”. Na referida matéria, discorre-se sobre as vantagens trazidas pelo governo revolucionário de 1930 e comenta-se acerca da vitória sobre os “incoesos” paulistas, homens de “ambição desmedida” que os faziam desconhecer as vantagens implantadas pelo novo regime de governo (O MUNICÍPIO, 08/10/32).

Não obstante essas matérias, somente no ano de 1934 a campanha antiautonomista ganhou força no jornal. Com a aproximação das eleições daquele ano, jargões já conhecidos em todo o estado aparecem sistematicamente nas páginas de *O Município*:

Também nós, santamarenes, somos todos regionalistas. Regionalismo não é, porém separativismo. [...] Nós também santamarenes ansiamos pela desumilhação da Bahia. E porque foi esse o nosso anhelado (sic) ardente, agora rendemos graças a Deus, pois a Bahia hoje pesa nos Conselhos da Nação, e revivendo os templos gloriosos de Império, retoma hoje o seu papel de vanguarda dos destinos nacionais. Também nós santamarenes somos todos autonomistas. Contudo, ser Autonomista não é senão, desejar ter a Bahia o direito de se governar a si mesma, apontando, escolhendo, elegendo com o seu voto livre e independente, altivo e consciente, os dirigentes dos seus destinos políticos (O MUNICÍPIO, 22/09/34).

As acusações à *Concentração Autonomista* não se limitavam apenas em criticar os conceitos de “Regionalismo” e “Autonomismo” defendidos por ela. Os dirigentes de *O Município* detinham-se também na difamação dos integrantes da referida agremiação política:

Fere-se, a 14, em todo o Estado, a lide incruenta das urnas, ansiosamente aguardada por aqueles que, sobrepondo o ideal à ambição, e o cérebro ao estômago, lá hão de estar, imperterritos na defesa dos interesses supremos da Bahia. [...] Santamarenes! Não hesiteis no cumprimento do vosso dever! Postai-vos ao lado dos baianos dignos. Lembrai-vos dos criminosos tempos em que a Bahia gemia, oprimida, sob o fêro (sic) guante desses que, hoje, quais lobos travestidos de ovelhas cantam as vossas portas, mendigos de votos – a lamúria hipócrita da desumilhação da Bahia. [...] A agremiação partidária que atende ostensiva e pretenciosamente, ao nome de “Concentração Autonomista” nada mais é que um aglomerado informe de elementos heterogêneos, a esmo arrebanhados, a serviço da mais devastada das ambições. Não o cérebro, mas o ventre norteiam os seus atos. Respondei, pois, com o vasto desprezo à falácia desses que, ontem ferreteados pelas maldições públicas, agora se apresentam ao povo mascarados, sob o véu de uma suposta desumilhação da Bahia (O MUNICÍPIO, 06/10/34).

Assim como no *Folha do Norte*, de Feira de Santana, no jornal *O Município*, de Santo Amaro, as propagandas em favor do governo de Juracy Magalhães permaneceram após o

pleito eleitoral de 1934, mas as acusações à *Concentração Autonomista* diminuíram significativamente. Ao que parece, em ambos o mesmo motivo: o autonomismo era um inimigo vencido.

Jornal Oficial e Diário da Tarde: o antiautonomismo no sul da Bahia

Os jornais situacionistas do sul da Bahia foram muito mais enfáticos ao criticar a *Concentração Autonomista*. Desde o início da década de 30, o *Diário da Tarde*, da cidade de Ilhéus, por exemplo, publicava, sistematicamente, matérias exaltando os feitos do governo e criticando os políticos que se colocavam em oposição a ele.

Neste trabalho, a nossa análise sobre o referido veículo de comunicação recaiu apenas sobre o ano de 1934, em função do acirramento que se deu nesse contexto entre o PSD, partido de Juracy Magalhães, e a Frente Única, agremiação oposicionista.

As primeiras matérias que faziam referência à *Concentração Autonomista* publicadas pelo *Diário da Tarde* no ano de 1934, datam do início de fevereiro, quando começa a surgir, na capital da Bahia, boatos sobre a formação de uma agremiação partidária de oposição ao governo:

Sentinela

Não faz muitos dias na Câmara Constituinte um deputado fluminense, apartando ao sr. J. J. Seabra disse, em tom de retumbante elogio que, o ex-governador da Bahia havia sido a Sentinela do tesouro em seu estado.

A honradez do velho baiano é uma das coisas já tradicionais deste país;. E incontestavelmente o sr. Seabra nunca se revelou homem descrupuloso e ninguém o julga capaz de ter cometido, ou de cometer atos de malversação. Mas daí a declarar ter sido ele ótima sentinela do tesouro é desconhecer particularidades que só os baianos podem e sabem explicar por assistirem mais de perto os negócios do estado. [...] O velho republico facilitou demais e à sua sombra, não faltou quem dissipasse as rendas do erário desviando-a de sua aplicação real. [...] É preciso não confundir a honestidade pessoal do homem com a honestidade coletiva do governo. Porque aquele que não tira para si mas não tem vigilância para impedir que os outros o façam, tudo pode ser, menos sentinela que mereça confiança e elogio. Sentinela que dorme não faz serviço perfeito. (DIÁRIO DA TARDE, 05/02/34)

Observa-se, a partir da citação acima, que o combate às forças contrárias ao governo é

organizada ainda no momento em que essa se encontra embrionária. A partir dessa data, os dirigentes do *Diário da Tarde* se empenharam em publicar quase ininterruptamente, matérias com esse objetivo. Ainda sobre o Simões Filho, no dia 13 de março de 1934, informavam que “quase todas as figuras dissidentes da [então] atual situação baiana” reuniria-se em torno dele. (DIÁRIO DA TARDE, 13/03/34). Ainda na mesma edição, comentam, em tom de ironia, que embora o Simões Filho estivesse congregando todas as suas energias, até aquele momento não havia conseguido “reunir as suas forças dispersas na Revolução de Outubro, mas, não tinha perdido “as esperanças de montar, novamente, a antiga máquina facciosa de que ele era um dos propulsores mais graduados” (DIÁRIO DA TARDE, 13/03/34).

Outras notas a respeito da formação dessa Frente Única na Bahia receberam menor atenção. A aliança entre Simões Filho, Seabra, e os irmãos Mangabeiras, por exemplo, constituiu, ao que parece, um sobressalto para os dirigentes do *Diário da Tarde*. Conforme destacarm no texto da publicação, “uma surpresa que aliás, é fértil à política de conveniências” (DIÁRIO DA TARDE, 15/03/34).

Assim como o processo de formação da *Concentração Autonomista*, recebeu semelhante tratamento, o “plano tenebroso contra o governo da Bahia”. A intentona trágica contra o governo, conforme rotulação recebida pelo *Diário da Tarde*, foi divulgada como um movimento que envolvia importantes nomes da oposição, como João Vidal da Cunha, Moniz Sodré, Simões Filho, J.J. Seabra e Aloysio de Carvalho Filho (DIÁRIO DA TARDE, 27/06/34).

Com a aproximação do pleito eleitoral, em outubro daquele ano, as matérias passaram a um tom mais agressivo. O PSD, defendido sistematicamente pelos dirigentes do jornal, era visto como um partido coeso e de bases sólidas, em contraponto, a *Concentração Autonomista* configurava-se, nas páginas do *Diário da Tarde*, como uma “Empresa” heterogênea (DIÁRIO DA TARDE, 09/07/34).

Não obstante às campanhas antiautonomistas empreendidas pelo *Diário da Tarde*, determinados grupos da cidade de Ilhéus pareciam congratular-se com a ideia de “desumilhar a Bahia”. Não foi possível localizar, para análise nesse trabalho, o material produzido por esse grupo, entretanto, é o próprio *Diário da Tarde* que informa sobre a atuação da *Concentração*

Autonomista naquele município:

A reunião política de ontem: impressões e reflexões sobre a campanha dos arautos da frente úrnica baiana

A reunião política de propaganda eleitoral que se efetuou ontem à noite, no Cine Teatro de Ilhéus, não conseguiu, evidentemente, ajuntar subsídios mais impressionantes à campanha partidária que se iniciou, ultimamente, na capital do estado contra o governo da Bahia, os oradores da referida sessão, alguns mais serenos, outros mais ardorosos, não produziram argumentação convincente em torno do tema da desumilhação que é hoje a legenda da chamada frente única baiana, da qual participam, aliás, conhecidos e pertinazes humilhadores da Bahia (DIÁRIO DA TARDE, 07/08/34).

Com ou sem sucesso, a reunião autonomista parece ter conseguido adeptos. Pouco mais de um mês, nesse mesmo jornal, dava-se notícias acerca da feitura e divulgação de “boletins insidiosos e às vezes atentatórios à moral e aos bons costumes” espalhados em dois distritos daquela cidade: Piranguí e Água Preta. (DIÁRIO DA TARDE, 19/09/34). A autoria dos boletins “subversivos” era atribuída aos Autonomistas.

Até a realização do pleito eleitoral, o episódio de Piranguí e Água Preta foram debatidos várias vezes no *Diário da Tarde*. As matérias “Argumento que faliu”, “Desumilhação tardia”, “Demagogos”, “Retorno ao fato de Pitanguí”, “Os baianos são desmemoriados”, “Desconceitos da Oposição” e “A margem da candidatura de Mangabeira”, publicadas respectivamente em 20, 21, 28 de setembro e 02 e 03 de outubro de 1934, insistiram em debater esse episódio. A partir de outubro, por sua vez, o *Diário da Tarde* passou a publicar, na primeira página, e em todas as edições, uma chamada especial sobre os feitos do PSD, sempre direcionadas a um público específico: mulheres, ferroviários, jovens etc.

Também no sul da Bahia, o *Jornal Oficial*, da cidade de Canavieiras, fez propaganda em prol de Juracy Magalhães. A crítica a oposição baiana nesse periódico não ocorre de forma enfática como no *Diário da Tarde*. São raras as matérias que trazem informações sobre a *Concentração Autonomista* na primeira página, mas, na edição de abril de 1935, uma delas resume o posicionamento político dos seus dirigentes ao longo da década de 30:

O partido contrário a interventoria do jovem oficial, ao invés de combatê-lo

dignamente, se limitou a fazer-lhe uma oposição sistemática a a chamá-lo de forasteiro, como se ele fosse um turco ou um inglês, um francês ou um australiano. [...] Devemos fazer campanhas contra esses que pregam o separtismo, a fragmentação da Pátria, porque uma Pátria para ser grande é preciso que seja integrada, unificada física e moralmente. (JORNAL OFICIAL, 04/1935).

Tanta campanha antiautonomistas configura-se como uma ferramenta de combate a algo real, ou seja, os autonomistas atuavam nessas cidades. Essas matérias comprovam essa atuação. Como se organizaram? Quem liderou essas reuniões? Quem matinha contatos com as lideranças da *Concentração Autonomista* na capital? Quantos foram presos ou exilados por conta da oposição que faziam ao governo? São muitas as perguntas a serem respondidas a esse respeito e essa pesquisa, ainda em fase inicial, tem por objetivo a reconstituição desse processo.

Sabe-se que a *Concentração Autonomista* venceu em dois municípios baianos: Senhor do Bonfim e Alagoinhas. (O IMPARCIAL, 03/11/34). No que diz respeito a essa última cidade, as campanhas em oposição a interventoria de Juracy Magalhães foram bastantes organizadas. Além dos resumos publicados pelo jornal *O Imparcial*, nas datas 06, 07, 08, 09 e 10 de outubro de 1934, a professora Maria da Guia Silva Lima destacou, em livro de memória sobre o coronel Santinho, do Riacho da Guia, distrito de Alagoinhas, que ele, afilhado político de J. J. Seabra foi um dos principais opositorista ao governo de Juracy Magalhães na cidade, participando, sempre que podia, das reuniões promovidas pela Frente Única. Segundo ela, o coronel Santinho publicava, inclusive, o jornal *Opinião Livre*, veículo de combate ao referido governo (SILVA, MARIA, 2011:39)

Essa informação é no mínimo instigante, uma vez que, pelos conteúdos das atas municipais não é possível notar essa efervescência na disputa eleitoral. Essas contradições revelam, pois, a necessidade de pesquisar os desdobramentos desse processo eleitoral no interior da Bahia para que se tenha um quadro mais abrangente do sistema de governo vigente nesse período. Esse texto é o primeiro passo dado nessa direção.

Fontes:

Folha do Norte, Feira de Santana - 1930/1936

O Município, Santo Amaro -1930/1935

Diário da Tarde, Ilhéus - 1934

Jornal Oficial, Canavieiras – 1935

O Imparcial, Salvador – 1934

Referências bibliográficas:

CAPELATO. Maria Helena Rolim. “Propaganda política e controle dos meios de comunicação”. In: *Repensando o Estado Novo*. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. 345 p. Disponibilizado em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>.

GARCIA, Nelson Jahr. *Estado Novo, Ideologia e Propaganda Política: a legitimação do Estado Autoritário perante as classes subalternas*. São Paulo. Ed. Loyola, 1982;

LIMA, Maria da Guia Silva. *Coronel Santinho do Riacho da Guia*. Fortaleza: Gráfica Editora, 2011.

MAGALHÃES. Juracy. *Minhas memórias provisórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MOREIRA. Patrícia Carneiro Santos Moreira de. *Juracy Magalhães e a construção do juracisismo: um perfil da política baiana*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA. 2005.

SAMPAIO. Consuelo Novais. *Poder e representação: o Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937*. Salvador: Assembléia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1992.

SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático (Bahia, 1945)*. Salvador: Assembléia

Legislativa. 1992.

_____. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930/1949)*. Salvador: EDUFBA, 2011.

PINHEIRO. Israel de Oliveira. “A política na Bahia: atraso e personalismos”. *Ideação*, Feira de Santana, n. 4, p. 49-78, jul./ dez. 1999.